

Minervino Júnior/CB/D.A Press



A estudante Emanuely Batista quer ingressar na engenharia de software

Lara Severino (D), Thalita Denys, Lívia Almeida (E) monitoram oficinas interativas

Com baixa representatividade feminina em áreas do conhecimento, a Universidade de Brasília (UnB) traz iniciativas que buscam incentivar o ingresso de mais meninas em ciências, tecnologia, engenharia e matemática

» LUIZ FRANCISCO\*

Áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática apresentam pouca presença feminina. Isso inclui o ambiente acadêmico, onde as mulheres são a minoria entre os estudantes. Nesse contexto, a Universidade de Brasília (UnB) traz iniciativas estratégicas para romper a disparidade de gênero nas ciências exatas com os projetos de extensão voltados à engenharia que fomentam as jovens a participarem de um ambiente historicamente dominado por homens.

A professora e cofundadora do projeto Meninas.comp, Maristela Holanda, 51 anos, afirma que a área de computação tem cerca de 10% de estudantes femininas. Na sala em que ela leciona são 40 alunos e apenas quatro são mulheres. "A gente criou uma rede de apoio acadêmico para essas jovens, ou seja, tentamos ajudá-las a se manterem no curso, porque quando você é minoria é muito difícil se sentir pertencente àquele espaço", declara. "Por isso, a gente trabalha demais com as meninas sobre o censo de pertencimento, pois aqui na universidade, o espaço é delas também."

O Meninas.comp, criado em 2010, faz parte do Departamento de Ciências da Computação, que tem por objetivo divulgar as possibilidades de trabalho neste campo por meio de oficinas interativas e técnicas. A iniciativa apresenta frentes de grupos de estudos diferentes, que desenvolvem segurança cibernética, robótica, jogos digitais e Inteligência Artificial (IA). O projeto também atua em escolas das Regiões Administrativas (RAs) do DF para incentivar as alunas do ensino médio a ingressarem nas áreas de ciências exatas. "Nossas discentes da UnB conquistaram um título de melhor time de programação da América Latina em um evento que ocorreu no Chile e, também, a gente treina com as meninas nas escolas para que elas consigam participar das Olimpíadas Brasileiras de Informática", conta a professora.

### Futuras cientistas

A coordenadora explica que as estudantes são as responsáveis por tornar o "assunto em realidade". As alunas Michele Aiko, 19, e Gisele Cristine, 20, são estudantes de Ciência da Computação na UnB e participam do projeto, onde realizam oficinas voltadas à atuação profissional na área de programação para meninas que, mesmo sem conhecimento técnico, têm a oportunidade de experimentar as atividades.

"Assim que vi esse projeto de incentivar a participação feminina na área, eu achei muito importante porque eu também gostaria de ter tido isso no meu ensino médio, e é um trabalho que eu me vejo fazendo isso", declara Michele Aiko. "Eu também me vejo incentivando mais meninas a entrarem na área da tecnologia e da segurança cibernética, porque eu sei que é um campo onde tem poucas mulheres e que elas não podem ficar sozinhas", completa Gisele Cristine.

Na Faculdade de Tecnologia da UnB, o projeto Meninas Velozes, criado em 2013, incentiva as

# A vez delas nas ciências exatas

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Oficinas do Meninas Velozes acontecem pelo menos uma vez por mês na Universidade de Brasília

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Integrantes do projeto ensinam programação para garotas que querem estudar computação

garotas a permanecerem e participarem da área de ciências por meio de projetos práticos, palestras e oficinas que envolvem a engenharia de um veículo. A estudante Lara Severino, 19, é uma das participantes do projeto de extensão e avalia que a ação trabalha com alunas do ensino fundamental e médio que desejam atuar no campo.

O projeto Muves atua para expandir o programa Meninas para fora da UnB e fortalecer a equidade de gênero. "Esse projeto é um Meninas Velozes em outros lugares para nós espalharmos o conhecimento em todo Brasil", explica Lara. "Aqui na UnB, vemos que a nossa iniciativa é positiva comparada a outras instituições e, por isso, queremos aplicar em outros locais, a fim de incentivar outras garotas a permanecerem na graduação."

O programa Meninas Velozes traz atividades para alunas dos ensinos médio e fundamental. As oficinas ocorrem uma vez por mês, que convidam as garotas que se interessam pela área da tecnologia a participarem de atividades práticas voltadas à engenharia mecânica. Emanuely Batista, 17, é estudante do terceiro ano do Centro de Ensino Médio (CEM 310), de Santa Maria, e quer ingressar no curso de Engenharia de Software da UnB. Ela destaca que o projeto é muito importante porque a incentivou a seguir essa carreira. "Eu faço parte desse programa desde que eu era do nono ano e o que aprendemos aqui não é ensinado nas escolas", declara a aluna.

### Representatividade feminina

Simone Lisniewski, 50, é uma das coordenadoras do Meninas Velozes. Ela realiza as oficinas sobre gênero, que explicam o início da exclusão de mulheres nas áreas de ciências exatas. "Isso não começa na universidade, acontece no ensino fundamental I e piora no fundamental II, quando há uma tolerância maior no erro cometido pelos meninos, que é considerado normal, mas com as meninas, é visto como uma incapacidade ou uma dificuldade inerente", afirma. "Por isso, nós fazemos essas oficinas como uma tentativa de evitar esse tipo de cultura."

A psicóloga social e diretora acadêmica da faculdade internacional Hayek Global College de Brasília, Hannah Hämer, afirma que a falta de estímulo impacta na baixa representatividade feminina, mas que essa atitude se baseia na formação dos professores. "É papel do ensino superior formar profissionais futuros com visão crítica, e isto requer dos educadores que reflitam sobre as próprias práticas de ensino de forma crítica, inclusive no que diz respeito à reprodução de estereótipos e desigualdades", declara.

Ela também comenta que as iniciativas de fomento precisam considerar os "múltiplos papéis" que as mulheres ocupam na sociedade. "Se há um compromisso real com a inclusão de mulheres nas carreiras científicas, é fundamental revisar os critérios de avaliação e financiamento, incorporando uma compreensão mais ampla das trajetórias acadêmicas", opina a diretora.

\*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado

## Aula da Padaria Artesanal no Palácio do Planalto

» JUNIO SILVA  
» JÚLIO NORONHA\*  
» JHOALERSON DIAS

A segunda-dama da República, Lu Alckmin, promoveu nesta quarta-feira (29/4) uma aula-demonstração de panificação para 64 funcionários e terceirizados da Administração da Presidência da República. O projeto Padaria Artesanal, criado em 2001, tem como objetivo oferecer alimentação saudável e estimular o empreendedorismo.

"São dez tipos de pães que nós ensinamos em um dia, justamente para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Então, são pães baratos, fáceis de fazer e todos nutritivos", explica a idealizadora.

Na aula de ontem, os alunos puderam aprender receitas como o pão de beterraba, pão de cenoura, pão integral,

e o escolhido pessoalmente por Lu Alckmin, o pão de ervas. "Escolhi um que gosto muito de fazer. Todos são deliciosos e acho que todos saíram satisfeitos", comenta.

Benelisia Sampaio, 55 anos, é funcionária do Palácio do Planalto e acredita na importância do projeto para grupos vulnerabilizados. "Eu fui vítima de violência doméstica e vou conseguir passar isso que aprendi para outras mulheres", afirma satisfeita.

Quem também vai aproveitar o conhecimento em casa, é a servidora Larissa Meira, 43 anos. Mãe, ela pretende levar a experiência culinária para o filho de dois anos. "Quero fazer eu mesma e proporcionar a ele um momento diferente em família", comenta.

Atualmente, o mini curso da Padaria Artesanal é oferecido gratuitamente em 44

unidades descentralizadas, distribuídas pelo Distrito Federal e Entorno. Além da panificação, os alunos aprendem sobre higiene, empreendedorismo e formalização de trabalho.

O projeto chegou ao Distrito Federal em 2023 e já beneficiou mais de mil famílias. Um polo nacional foi estabelecido na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na 615 Sul, e é mantido em parceria com a Arquidiocese de Brasília, Senai, Senac, Sebrae e o empresariado local.

\*Estagiário sob supervisão de Ronayre Nunes



Direcione a câmera do celular para o QR Code e assista ao vídeo da aula

Jhoalerson Dias/CB/D.A Press



Lu Alckmin, fundadora do projeto, ministrou a aula